

Como citar este artigo:

Travaglia, Luiz Carlos. Sobre a possível existência de subtipos.

Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN. Organizador: Dermeval da Hora. João Pessoa, 2009. p. 2632-2641. ISSN 978-85-7539-446-5.

SOBRE A POSSÍVEL EXISTÊNCIA DE SUBTIPOS DE TEXTOS

Luiz Carlos Travaglia –UFU

0 Introdução

O objetivo desse artigo é propor que, no quadro das categorias de texto e suas diferentes naturezas que propusemos em Travaglia (2001) e ([2003]/2007)¹, deve-se acrescentar uma quarta natureza que as categorias de textos podem ter. Além das já propostas (tipo, gênero e espécie), temos uma quarta natureza que chamaremos de **subtipos**. Falamos em subtipos, desde que pela primeira vez fizemos a proposta teórica de que as categorias de textos apresentam naturezas diferentes² a que demos vários nomes, fixando, em 2003, no termo *tipelementos*. Naquele momento chamamos de subtipo o que depois passamos a chamar de espécie. Em 2003, fixamos nossa proposta de que existiam os *tipelementos* e que eles eram de três naturezas distintas: o tipo, o gênero e a espécie; todavia desde aquele momento desconfiávamos da existência de um quarto *tipelemento*, ou seja, uma quarta natureza que as categorias de texto podiam apresentar. Neste momento vamos propor a existência do quarto *tipelemento*, o **subtipo**, pois cremos ter agora evidências suficientes para sustentar esta proposta. O subtipo que propomos agora tem um conceito totalmente diferente do subtipo proposto em Travaglia (2001) e que depois passamos a chamar de espécies.

Antes relembramos rapidamente o quadro teórico que propusemos e no qual se encaixa a proposta de existência de subtipos de textos.

2. Uma proposta teórica

Na busca de construir uma teoria tipológica geral que:

- a) sirva à organização dos estudos lingüísticos sobre tipologia bem como de aspectos de ensino relacionados com a tipologia textual, percebendo certos fatos que a nosso ver sempre embaralharam conclusões mais generalizantes;
- b) e permita perceber, na caracterização e distinção das categorias de texto, certos fatos advindos das relações entre tais categorias, principalmente aquelas de naturezas distintas (que chamamos de *tipelementos*);

propusemos um modelo para os estudos tipológicos que pode ser resumido como segue.

Consideramos como **categoria de texto** uma classe de textos que têm uma dada caracterização, isto é, um conjunto de características comuns em termos de conteúdo, estrutura composicional, estilo (características lingüísticas), funções/objetivos, condições de produção; mas distintas das características de outras categorias de texto, o que permite diferenciá-las. Seriam exemplos de categorias de textos em nossa sociedade e cultura brasileiras: descrição, dissertação, injunção, narração, argumentativo “*stricto sensu*”, predição, romance, novela, conto, fábula, parábola, caso, ata, notícia, mito, lenda, certidão, atestado, ofício, carta, soneto, haikai, ditirambo, ode, acróstico, epitalâmio, prece, tragédia, comédia, farsa, piada, tese, artigo, relatório, ocorrência, requerimento, boletim de ocorrência, denúncia, sentença, receita culinária, receita médica, publicidade, comédia, tragédia, drama, etc.

¹ - Essa forma de referência bibliográfica está sendo usada para indicar que o texto foi escrito e entregue para publicação em 2003, mas a publicação só se efetivou em 2007.

² - Em comunicação no XLVIII Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo em maio de 2000, cujo texto foi, posteriormente, publicado (cf. Travaglia, 2001).

Pelo termo **tipelemento** designamos classes de categorias de textos, identificando classes de categorias de textos de *naturezas* distintas. Até agora propuséramos a existência de três tipelementos: **tipo**, **gênero** e **espécie**. O objetivo desse artigo é propor a existência do quarto tipelemento: o **subtipo**. Os tipelementos anteriormente propostos estão definidos como repetimos abaixo (Cf. Travaglia (2001) e ([2003]/2007))

O tipo se caracteriza e pode ser identificado por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução, segundo perspectivas adotadas pelo produtor do texto e que podem variar constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes. Algumas categorias de texto identificadas até o momento como tipos³, são: 1) texto descritivo, dissertativo, injuntivo, narrativo; 2) texto argumentativo “stricto sensu” e argumentativo não-stricto sensu; 3) texto preditivo e não preditivo; 4) texto do mundo comentado e do mundo narrado; 5) texto lírico, épico/narrativo e dramático; 6) texto humorístico e não-humorístico; 7) texto literário e não literário; 8) texto factual e ficcional.

O Gênero se caracteriza e pode ser identificado por exercer uma função social específica de natureza comunicativa. Os gêneros representam um pré-acordo sobre como agir na sociedade. São instrumentos de ação social pela linguagem e por isso mesmo são as categorias de texto que circulam efetivamente na sociedade, enquanto tipos, subtipos e espécies são usados para compô-los não tendo existência própria, fora de um gênero. Alguns exemplos de gêneros são: romance, novela, conto, fábula, apólogo, parábola, mito, lenda, caso, biografia, piada, notícia, certidão, atestado, mandado, procuração, artigo, tese, dissertação, resenha, tragédia, comédia, drama, farsa, auto, esquete, edital, convite, prece, oratório (sermão, discurso, etc.), didático, contrato, correspondência.

A **espécie** se caracteriza e é identificada por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície lingüística e/ou por aspectos de conteúdo. Podemos lembrar os seguintes exemplos de espécies:

- a) história e não-história (espécies do tipo narrativo);
- b) textos em prosa e textos em verso;
- c) históricos, psicológicos, regionalistas, indianistas, fantásticos, de ficção científica, de capa e espada, policiais, eróticos, autobiográficos etc. (para romances ou contos);
- d) carta, telegrama, ofício, memorando, bilhete, etc. (espécies do gênero correspondência /epistolar);
- e) epitalâmio, ditirambo, elegia, écloga, idílio, acróstico, soneto, balada, haicai (espécies do tipo lírico).

Os tipelementos mantêm entre si relações específicas (Cf. Travaglia [2003]/2007) e os tipos e espécies compõem os gêneros conforme regras específicas, podendo conjugar-se, cruzar-se ou fundir-se ou intercambiar-se (Cf. Travaglia 2007a).

3. Da existência do quarto tipelemento: o subtipo

Como já dissemos, em Travaglia (2001) tínhamos proposto o termo subtipo para um dos tipelementos identificados, todavia, posteriormente (Cf. Travaglia- [2003] /2007), consideramos esse termo inapropriado, pois o tipelemento identificado não tinha uma relação hierárquica com o tipo e nem era uma subdivisão dos tipos. Optamos, então, pelo termo espécie.

Em Travaglia (1991), estudando os textos injuntivos, chamamos variações desse tipo de texto (ordem, pedido, súplica, conselho, prescrição e opção) de variedades ou subtipos do injuntivo: “A opção, assim como o conselho, o pedido, a ordem e a prescrição são variedades ou subtipos da injunção [...]”, mas não estabelecemos com clareza o conceito de subtipos e nem tínhamos então a proposta de que seria um tipelemento, ou seja, uma natureza distinta que as categorias de texto podiam apresentar. Em 2001 e [2003]/2007 não registramos a existência de um quarto tipelemento porque, embora admitíssemos a possibilidade de existência de mais tipelementos além do tipo, do gênero e da espécie e não tivéssemos uma classificação para categorias de texto como a ordem, o pedido, a súplica, o conselho, a prescrição e a opção, que sabíamos correlacionadas com o injuntivo, não

³ - Para ver as perspectivas definidoras de cada tipo ver Travaglia (2001) e ([2003]/2007).

tínhamos outras evidências que nos ajudassem a definir o que eram estas categorias de texto. Desconfiávamos estar diante de outro tipelemento.

Mais recentemente, estudando o proposto por outros autores sobre o texto explicativo (Adam-1993), o discurso teórico (Bronckart-2003), o texto dissertativo (Fiorin-1991) e o texto expositivo (Koch e Fávero-1987) que, num primeiro momento considerávamos como identificados com o que chamamos em Travaglia (1991) de texto dissertativo, notamos que, na verdade, há duas variedades desse tipo de texto que seriam, portanto, subtipos da dissertação: o expositivo e o explicativo.

Tendo em vista as evidências acima, propomos que existe um quarto tipelemento: o **subtipo**. Este tipelemento se caracterizaria e poderia ser identificado por ser uma categoria de texto que na verdade é um tipo, mas não um tipo independente, e sim um tipo que é variedade de um tipo caracterizado por uma perspectiva única em que os subtipos se encaixam, mas estes se distinguem por alguns fatores que buscaremos evidenciar e talvez sistematizar mais adiante. Pela observação que fizemos os fatores e traços de distinção dos subtipos não serão sempre os mesmos.

3.1 – Subtipos do injuntivo

Como tipo, o injuntivo representa um modo de interação, uma maneira de interlocução que se estabelece — assim como o dissertativo, o descritivo e o narrativo — pela perspectiva do produtor do texto em relação ao objeto do dizer quanto ao fazer/ acontecer ou conhecer/saber e quanto à inserção destes no tempo e/ou no espaço.

No texto injuntivo temos o enunciador na **perspectiva** do fazer posterior ao tempo da enunciação, com o **objetivo** de dizer-se a ação requerida, desejada, dizer-se o que e/ou como fazer; incitando-se à realização de uma situação⁴. Assim sendo, **instaura-se o interlocutor** como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça. Quanto ao **tempo referencial** (o tempo da ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica) o injuntivo caracteriza-se pela indiferença à simultaneidade ou não das situações e o **tempo da enunciação** (o momento da produção/recepção do texto que pode ou não coincidir com o referencial) é sempre anterior ao tempo referencial de realização da situação, ou seja, tem-se basicamente o futuro para todas as formas verbais. Todos os subtipos terão essas características. O injuntivo apresenta as seguintes variedades ou **subtipos**: **ordem, pedido, súplica, conselho, prescrição e opção**⁵. Em Travaglia (1991) propusemos que alguns traços⁶ seriam capazes de ajudar a distinguir os subtipos do **injuntivo**, a saber:

- “a) cada subtipo representa um ato de fala diferente, uma força ilocucionária distinta;
- b) na interação, as formações imaginárias do locutor sobre si e o alocutário variam em termos de hierarquia;
- c) a quem a realização da situação beneficia ou prejudica: locutor ou alocutário;
- d) quem é responsável pela realização da situação: locutor ou alocutário;
- e) o ato de fala implica que grau de polidez, preservando ou não a face⁷ do locutor e alocutário.” (Travaglia 1991, p. 48)

No Quadro 1 tem-se uma visão de como esses traços caracterizam cada subtipo.

QUADRO 1

	Ato de fala	Formação imaginária em termos de hierarquia	Beneficiado	Responsável pela realização da situação	Grau de polidez

⁴ - Por situação entendemos todos os tipos de processos indicados pelo verbo ou não: ações, fatos, fenômenos, estados, eventos, etc.

⁵ - Não vamos apresentar exemplos dessas categorias de texto, tendo em vista que são bastante conhecidas.

⁶ - Alguns desses traços foram extraídos de KOCH (1981: 108 e ss.) em que a autora estuda o verbo poder.

⁷ - Ver Marcuschi (1987, p. 3 e 4)

Ordem	Determina um fazer	Locutor considera-se como superior ao alocutário na organização social	Locutor ou Alocutário	Alocutário	- Polidez
Pedido/ Súplica	Solicita a realização de uma situação	Locutor se vê como igual ou inferior ao alocutário na organização social	Locutor	Alocutário	+ Polidez
Conselho	Diz qual/como é o melhor fazer	Locutor considera-se com maior experiência que o alocutário	Alocutário	Alocutário	+ Polidez
Prescrição	Ensina fazer ou determina uma forma de fazer	Locutor considera-se com maior saber que o alocutário	Alocutário	Alocutário	Neutro
Opção	Deseja a realização de uma situação	Locutor se vê sem possibilidade de determinar a realização da situação	Locutor ou Alocutário ou ambos	Nem alocutário, nem locutor	+ ou – Polidez (conforme o que se deseja para quem)

(Quadro extraído de Travaglia, 1991, p.49)

Como se pode observar as características básicas do injuntivo aparecem em todos os seus subtipos, mas eles se distinguem por uma série de traços.

A **súplica** é uma variedade do pedido em que o locutor/enunciador se apresenta como extremamente necessitado, o que constitui uma estratégia para “coagir” o alocutário/enunciatário a realizar o que solicita. Pode-se dizer uma estratégia argumentativa pelo apelo desbragado à emoção.

3.2 – Subtipos do dissertativo

Vimos que no texto dissertativo a perspectiva instauradora do modo de interação é a mesma do injuntivo, descritivo e narrativo.

Na dissertação temos o enunciador na **perspectiva** do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço, com o **objetivo** do enunciador de buscar o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações. Assim sendo **instaura-se o interlocutor** como ser pensante, que raciocina. Quanto ao **tempo referencial** o dissertativo caracteriza-se pela simultaneidade das situações e o **tempo da enunciação** pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao momento em que aquilo que se apresenta no texto é real, embora na Língua Portuguesa se tenha, na quase totalidade dos textos, o tempo da enunciação simultâneo ao referencial. Apesar disso, devido à abstração do tempo e do espaço que caracteriza a dissertação, não se tem, como tempo verbal, o presente, mas sim o onitemporal, pois as situações são apresentadas como válidas em todos os tempos, atualizando-se no tempo da enunciação. O dissertativo apresenta as seguintes variedades ou **subtipos**: o **expositivo** e o **explicativo**.

Ao trabalhar com as teorias de vários autores sobre o que, desde Travaglia (1991), vimos denominando de **texto dissertativo**, achamos no início que havia apenas uma variação nos termos utilizados para denominar esta categoria de texto. Inclusive alguns utilizam o termo dissertativo como sinônimo de “argumentativo “*stricto sensu*”, reservando o nome de “expositivo” para o que denominamos de dissertação ou texto dissertativo, como Fávero e Koch (1987) que inclusive usam os termos “expositivo” e “explicativo” como sinônimos ao falar em texto “expositivo ou explicativo” e não usam o termo dissertativo para nenhum tipo de texto. Outros usam o termo “discurso teórico” (Bronckart, 2003). Essa flutuação terminológica por vezes confunde aqueles mais afeitos aos termos e menos aos conceitos e caracterizações, principalmente professores dos Ensinos Fundamental e Médio, mais interessados em como ensinar seus alunos a produzir e compreender textos e menos em teorizar.

Todavia, ao estudar a proposta de Adam (1993) sobre a sequência explicativa e as colocações de Bronckart (2003); Dolz e Schneuwly (2004) e Fávero e Koch (1987) sobre o expor, percebemos que havia dois subtipos de texto dissertativo⁸. Buscamos a seguir a caracterização dos dois subtipos dissertativos, usando o que propusemos e as idéias dos estudiosos citados, lembrando que as características do dissertativo que expusemos anteriormente aparecem nos dois subtipos.

A distinção entre os dois subtipos dissertativos parece acontecer mais por via de suas estruturas composicionais e variações em seus objetivos.

O **expositivo** trabalha a apresentação textual de diferentes formas dos saberes (Cf. Dolz e Schneuwly, 2004) sem qualquer contraposição (o que levaria à argumentação, com sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição no dizer de Dolz e Schneuwly-2004), nem qualquer problematização (o que vai acontecer no explicativo). No expositivo teremos, conforme Fávero e Koch (1987), a análise e/ou síntese de representações conceituais, com ordenação lógica a que acrescentamos avaliações ou não de algo, reflexões organizadas sobre um ponto do conhecimento, por meio de categorias composicionais da generalização e especificação que podem aparecer em um esquema dedutivo (generalização – especificação), indutivo (especificação – generalização) ou dedutivo-indutivo (generalização – especificação – generalização). Portanto é a apresentação de um saber/conhecer de forma consensual e lógica.

Já o **explicativo** proposto e trabalhado mais detidamente por Adam (1993) como uma das formas de sequência e encampado integralmente por Bronckart (2003) como uma manifestação textual do discurso teórico, apresenta um ponto incontestável do conhecer/saber que é, todavia, problematizado, exigindo uma resolução ou explicação seguida de uma conclusão e avaliação do problema posto. Assim teríamos segundo Adam (1993) e Bronckart (2003) a seguinte explicação para o **expositivo**, tomada a Bronckart (2003, p.228 e ss.) de forma resumida com suas passagens entre aspas:

“O raciocínio **explicativo** [...] origina-se na **constatação** de um fenômeno **incontestável** (*as línguas naturais mudam perpetuamente*)”, seja um acontecimento natural ou de uma ação humana que se apresenta, no entanto, “como incompleto ou requerendo um desenvolvimento destinado a responder as questões que coloca ou as contradições aparentes que poderia suscitar (*temos, entretanto, a sensação de que as línguas constituem sistemas estáveis*). O desenvolvimento “é realizado por um agente autorizado e legítimo que explicita as **causas** e/ou **razões** da afirmação inicial, assim como as das questões e contradições que essa afirmação suscita (*essa mudança é tão lenta que não é apreendida por uma mesma geração*). No final do desenvolvimento a constatação inicial encontra-se **reformulada** e geralmente **enriquecida** (*embora a evolução das línguas seja um fenômeno histórico indiscutível, as abordagens sincrônicas podem fazer abstração dessa mudança*.” (BRONCKART, 2003, p. 228 e ss.)

O raciocínio explicativo prototípico geralmente apresenta-se em quatro fases:

- a) a fase de **constatação inicial**, que introduz um fenômeno não contestável (objeto, situação, acontecimento, ação, etc.);
- b) a fase de **problematização**, em que é explicitada uma questão da ordem do porque ou do como, eventualmente associada a um enunciado de contradição aparente;
- c) a fase de **resolução** (ou de *explicação* propriamente dita), que introduz os elementos de informações suplementares capazes de responder as questões colocadas;
- d) a fase de **conclusão-avaliação**, que reformula e completa eventualmente a constatação inicial.

Esta fases podem se realizar em formas de extensão e complexidade muito variáveis.

⁸ - Para nós o texto dissertativo não se confunde com o argumentativo “stricto sensu” pela distinção que fazemos desde Travaglia (1991), inclusive colocando dissertação e argumentação “stricto sensu” em tipologias distintas. Convém registrar contudo que é muito comum os tipos dissertativo e argumentativo “strico sensu” se cruzarem ou fundirem (Cf. Travaglia 2007a).

A seguir vamos apresentar exemplo de texto dissertativo expositivo e de texto dissertativo explicativo, utilizando trechos e quadros da reportagem “Fobia de compromisso” publicada pela revista VEJA em 10/09/2008⁹.

• Exemplos de Dissertativo Expositivo

Exemplo 1: Texto de um quadro da reportagem.

Fobia de compromisso

Adriana Dias Lopes e Anna Paula Buchalla

Dois tumores e 123 genes

Dois estudos publicados na última edição da revista científica Science desvendam quais os genes por trás da formação de cânceres. Coordenados por médicos do Centro de Câncer da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, os trabalhos traçaram o mapa genético dos tumores malignos de cérebro (glioma) e de pâncreas. Os pesquisadores identificaram sessenta genes envolvidos com a origem do câncer cerebral, o mesmo que acomete o senador americano Ted Kennedy. No tumor pancreático, foram 63 genes encontrados. Associados a um único tipo de tumor ajudam a explicar por que o câncer é uma enfermidade extremamente complexa. "Se você tem 100 pacientes, tem 100 doenças", diz Bert Vogelstein, pesquisador da Johns Hopkins.

O glioma e o tumor pancreático estão entre os cânceres mais letais e com menores ofertas de tratamento. "A partir de agora, em vez de avaliar o comportamento de milhares de genes na investigação desses cânceres, podemos nos concentrar num número exato deles, o que facilita o trabalho de investigação da doença e o desenvolvimento de novas terapias", diz Bernardo Garicochea, diretor do serviço de oncologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e médico do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo. Dos sessenta genes relacionados ao glioma, os pesquisadores da Johns Hopkins conseguiram identificar mutações num deles, o IDH1, ao qual estão associados 12% dos casos da doença, principalmente entre os pacientes jovens. No tocante ao câncer de pâncreas, além de determinar os 63 genes, os pesquisadores identificaram doze combinações entre eles, que facilitam o aparecimento da enfermidade. O levantamento foi feito a partir da análise do DNA de 46 pacientes – 22 vítimas do glioma e 24, do câncer de pâncreas.

Outros dois tipos de câncer haviam sido mapeados geneticamente – o de cólon e o de mama. Esses trabalhos também foram conduzidos pela equipe da Universidade Johns Hopkins. Dos 7000 novos casos de glioma registrados anualmente no Brasil, apenas 25% dos pacientes sobrevivem por mais de dois anos. Isso porque se trata de um câncer de proliferação muito rápida. Também no caso do câncer de pâncreas a principal dificuldade para o seu controle está na forma de evolução da doença. Oito de cada dez doentes só descobrem o tumor em estágios avançados. Assintomático, ele cresce sem fornecer nenhuma pista de sua existência.

Exemplo 2: Texto de outro quadro da reportagem.

⁹ - LOPES, Adriana Dias e BUCHALLA, Anna Paula. “Fobia de compromisso”. Revista VEJA, Seção Comportamento. Edição 1077, ano 41, nº 36, 10 de setembro de 2008, p. 128-132

O PESO DO DNA

A influência dos genes no comportamento

SEXUALIDADE

Se um gêmeo univitelino é homossexual, a probabilidade de seu irmão ter a mesma orientação sexual chega a 52%. No caso dos gêmeos bivitelinos, essa relação é de apenas 22%

INTELIGÊNCIA

A genética pode determinar até 70% da inteligência e até 50% das habilidades verbais e de memória

MEDO

O medo é uma emoção instintiva e essencial para a preservação da espécie. Estudos recentes mostram que algumas mutações genéticas desregulam a química cerebral e podem levar à síndrome do pânico

SOCIABILIDADE

A capacidade de fazer amigos e de manter um bom círculo social pode sofrer influência genética de até 60%

ANSIEDADE

Alterações nos genes 5HTT, 5HT1A, 5HT2A e COMT desequilibram a síntese de substâncias associadas ao prazer e bem-estar e levam a quadros ansiosos

DEPRESSÃO

Mutações em genes associados à síntese de serotonina, o neurotransmissor da felicidade, aumentam em 50% o risco de depressão depois de uma experiência dolorosa

VÍCIO

A dependência química e o alcoolismo estão associados a alterações no gene DRD4, que age nos mecanismos cerebrais de recompensa

VIOLÊNCIA

A probabilidade de um homem cometer um crime violento será dez vezes maior se ele for portador de uma mutação no gene MAOA, relacionado à sensação de bem-estar. Variações no gene 5HTT favorecem o suicídio

Fonte: Marcelo Nóbrega, professor de genética na Universidade de Chicago



- **Exemplo de Dissertativo Explicativo**

Comportamento

Fobia de compromisso

Pesquisadores suecos identificam que alterações no gene responsável pela formação de laços afetivos predis põem o homem a ser um péssimo marido

Adriana Dias Lopes e Anna Paula Buchalla

Aos 47 anos, o ator americano George Clooney é um solteirão convicto. Casou-se uma única vez, em 1989, com a atriz Talia Balsam. Depois de quatro anos, o bonitão já estava separado – e jurando que nunca mais juntaria sua escova de dentes à de uma mulher que quisesse prendê-lo por mais de uma noite. No processo de divórcio, Talia reclamou que Clooney passava mais tempo com os amigos do que com ela. "O casamento me deixava acuado", justificou o guapo. Tamanha é sua fobia de casamento que o ator apostou com as amigas Nicole Kidman e Michelle Pfeiffer que chegaria aos 40 anos solteiríssimo. Aposta vencida, Clooney recusou-se a aceitar o prêmio: 10.000 dólares de cada uma. Preferiu renovar o acordo para 2011, quando completará 50 anos – e ninguém mais duvida que ele vencerá novamente o desafio. A explicação para a aversão do ator à vida a dois pode estar – em parte, frise-se – nos seus genes. Pesquisadores do Instituto Karolinska, na Suécia, descobriram que os homens portadores de mutações no gene AVPR1A, quando casados, tendem a se revelar péssimos maridos. Entre inúmeras funções, o AVPR1A ajuda a regular os níveis cerebrais de vasopressina, uma substância associada à agressividade e à capacidade masculina de estabelecer laços afetivos. Publicado na revista científica americana *Proceedings of the National Academy of Sciences*, o trabalho foi liderado por Hasse Walum, de apenas 27 anos e jeitão do roqueiro Kurt Cobain. O jovem pesquisador não sabe se é portador de alterações no AVPR1A, mas se diz totalmente fiel à parceira – quando tem uma.

As bases genéticas da fobia de compromisso foram identificadas pela primeira vez em arganazes. Um tipo de rato do campo, o arganaz é, de todo o reino animal, uma das raras espécies em que predomina a monogamia. Quando um arganaz macho escolhe uma fêmea, mantém-se fiel a ela até o fim, ajudando na criação dos filhotes e na defesa do ninho. Nos anos 90, pesquisadores americanos dos Institutos Nacionais de Saúde descobriram que os roedores que carregavam variações no AVPR1A fugiam aos padrões de um arganaz típico. Imediatamente após o acasalamento, eles abandonavam as fêmeas. Agora, Walum e sua equipe relacionaram tais diferenças genéticas ao modo como os homens se relacionam com suas parceiras. No estudo sueco, foram avaliados 552 pares de gêmeos, com idades entre 37 e 64 anos. Todos moravam com uma mulher. Dos 220 que possuíam mutações no AVPR1A, 48% não se consideravam casados, apesar de dividir o mesmo teto com a parceira. No grupo dos homens sem as alterações no gene, esse índice foi de apenas 17%. Além disso, os portadores da variação se diziam mais infelizes na relação – metade havia pensado em desfazer a união no ano anterior à pesquisa. A descoberta dos suecos representa mais um passo rumo à compreensão da influência da genética no comportamento humano, mas está longe de apresentar resultados práticos. Não, minha senhora, ainda não é possível criar uma pílula do apego ou a fórmula de um xarope antiinfidelidade.

Trecho explicativo

Legenda:

- **Courier new: constatação inicial**
- **Arial: problematização**

- Lúcida Handwriting: resolução
- Palatino linotype: Conclusão + Avaliação

(Constatação inicial) A genética não explica totalmente a ojeriza de certos homens ao compromisso amoroso. **(Problematização)** Os genes sozinhos não determinam nada – eles apenas predis põem. Ou seja, o homem portador de mutações no AVPR1A não está condenado a casamentos fracassados. **(Resolução)** A disposição masculina para a vida a dois é resultado da interação entre genética e ambiente. "Tudo depende de como esse homem foi criado, quais os valores que acumulou ao longo da vida", diz Marcelo Nóbrega, professor de genética da Universidade de Chicago, nos Estados Unidos. "A religião, por exemplo, pode fazer toda a diferença no modo como os homens encaram o casamento."

O ser humano tem entre 20 000 e 25000 genes. Pelo menos uma centena deles já foi associada ao modo como percebemos e reagimos ao mundo (*veja o quadro abaixo*). Mas eles nunca agem sozinhos. As raízes biológicas do vício, da inteligência, da violência, entre outros fatores, são determinadas pela interação entre vários genes. O ambiente, no entanto, tem papel preponderante na manifestação dessas características. No que se refere ao comportamento agressivo, um dos trabalhos mais relevantes foi realizado por pesquisadores do Instituto de Psiquiatria de Londres. Eles descobriram que homens portadores de uma alteração genética, a MAOA, tendem a cometer crimes bárbaros. Essa predisposição, porém, só se concretiza se o indivíduo, quando criança, tiver sido vítima de maus-tratos. Nesse caso, a probabilidade de ele se transformar num criminoso é dez vezes maior do que a de um portador da mesma anomalia genética que tenha tido uma infância tranqüila.

Os estudos mais recentes indicam que o impacto das experiências pessoais na formação da personalidade é especialmente marcante na infância e na adolescência. Em seu livro *Não Há Dois Iguais*, a psicóloga americana Judith Rich Harris defende que, nessa fase da vida, a maior influência vem dos amigos – e o julgamento deles pode ser essencial para definir a forma como uma criança se comportará na idade adulta. "Nossos genes estão à mercê de nossas experiências pessoais", corrobora o geneticista Matt Ridley, da Universidade de Oxford, nos Estados Unidos, autor do livro *O que Nos Faz Humanos*.

(Conclusão + Avaliação) Diversas pesquisas já demonstraram que alguns fatores externos são capazes de "ligar" e "desligar" genes. Esses trabalhos pertencem a um campo de investigação científica relativamente novo: a epigenética. Criado há menos de dez anos, esse ramo da ciência procura descobrir como a ação dos genes pode ser detida ou acelerada em razão do meio. "Ele já está trazendo respostas surpreendentes para questões do comportamento humano", diz o psicólogo César Ades, da Universidade de São Paulo. Aí está uma desculpa para você, prezado leitor que não gosta de compromisso: não é a genética, é a epigenética.

LOPES, Adriana Dias e BUCHALLA, Anna Paula. "Fobia de compromisso". Revista **VEJA**, Seção Comportamento. Edição 1077, ano 41, nº 36, 10 de setembro de 2008, p. 128-132

Como se pode observar nos exemplos acima e muitos outros que se pode encontrar, o expositivo e o explicativo, embora ambos dissertativos, se distinguem quanto a sua estrutura composicional e quanto ao modo de cumprimento dos objetivos da dissertação (meramente apresentar o conhecer/saber – expositivo; ou resolver um problema em algo que parece incontestável no conhecer/saber – explicativo). Isto tem implicações no tipo de informação esperável em cada subtipo.

Considerações finais

Como se pode depreender do exposto, parece-nos haver fundamento para propor um quarto tipolemento, ou seja, uma quarta natureza que as categorias de texto podem apresentar. Evidentemente se pode ou não concordar com essa hipótese e agregar evidências que a suportem ou procurar evidências que a falsifiquem. De todo modo a discussão é necessária e pertinente, uma vez que a

percepção dessas diferentes naturezas das categorias de texto que chamamos de tipeamentos e das inter-relações possíveis entre elas pode sem dúvida: a) ajudar a organizar melhor o quadro das taxionomias ou classificações de texto (dos fatos tipológicos, como estamos acostumados a dizer, embora alguns achem que somente tipos tenham a ver com tipologias, mas não os gêneros. Guarde-se aqui para tipologias textuais o sentido de taxionomias de texto); b) permitir uma caracterização mais racional das categorias de texto, uma vez que evitarão que apresentemos como características exclusivas de um gênero, por exemplo, características que são próprias do tipo, subtipo ou espécie que o compõem e, portanto, que aparecerão em todos os gêneros que os mesmos compuserem (Cf. Travaglia, 2007 e 2007a).

Além disso, a constituição de uma teoria tipológica geral de textos, que nossas propostas visam configurar, certamente permitirá estudos tipológicos que escapem de equívocos devidos a uma visão muito localizada dos fatos. Esperamos, portanto, estar contribuindo para um caminhar mais seguro da Linguística Textual no que respeita aos estudos tipológicos.

Fica a hipótese de que no modelo descritivo das categorias de texto devemos considerar a existência de quatro **tipeamentos** que são naturezas que as categorias de texto podem ter: o **tipo**, o **subtipo**, os **gêneros** e as **espécies**.

Uberlândia, fevereiro de 2009.

Referências bibliográficas

- ADAM, Jean Michel. **Les textes: types et prototypes – Récit, description, argumentation, explication et dialogue**. Paris: Nathan, 1993.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 2003 (Segunda parte: caps. 4 a 6, p. 113 a 258)
- DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita**. In: ROJO, Roxane e CORDEIRO, Gláís Sales (Trad e org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 41-70.
- FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G.V.. Contribuição a uma tipologia textual. **Letras & Letras**, Uberlândia - Departamento de Letras/UFU, v. 3, n. 1, p.3-10, Junho de 1987.
- FIORIN, José Luiz. Tipologia dos textos In: LOPES, Harry Vieira et al. (orgs.). **Língua Portuguesa – O currículo e a compreensão da realidade**. São Paulo: Secretaria de Estado de Educação / Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1991.p. 33-42.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. "O verbo **poder** numa gramática comunicativa do Português". **Cadernos PUC** n°. 8. São Paulo: EDUC - Editora da PUC, p. 102-113, 1981.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Marcadores conversacionais no Português brasileiro: formas, posições e funções**. Recife/Freiburg: cópia de texto inédito, 1987, 27 p.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português**. 1991. 330 + 124 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Campinas, SP: IEL / UNICAMP, 1991.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de textos. **Estudos Lingüísticos**, Marília, SP, n. XXX, Revista em CD-ROM, Artigo 200, 6 p. Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo / Fundação de Ensino “Eurípedes Soares da Rocha, 2001.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2003). “Tipeamentos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos” in FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa e MARQUESI, Sueli Cristina (org.). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino – Vol. II**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007: 97- 117 (ISBN 85-283-0337-3)
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros. **Anais [do] 4º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (4º SIGET)**. Organizadores: Adair Bonini, Débora de Carvalho Figueiredo, Fábio José Rauen. - Tubarão: UNISUL, 2007a.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. **ALFA**, vol. 51 n° 1: 39-79. São Paulo, 2007b. Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v51-1/03-Travaglia.pdf>